

Introdução



Ler e compreender nem sempre fizeram parte do mesmo processo, pois, até pouco tempo atrás, o que se entendia por leitura não incluía, necessariamente, a compreensão do que se lê, podendo ser meramente a decodificação da palavra escrita, sem a construção de um sentido para o que foi lido.

Hoje, a ciência está num nível bem avançado no que diz respeito à leitura, explicando-a em relação a como os seres humanos interpretam a realidade, como *processam a informação.* De acordo com essa abordagem, há mecanismos que atuam da mente do leitor para o texto que também intervêm na compreensão do texto lido.

O leitor pode ser visto como um estrategista, na medida em que utiliza diversas estratégias para compreender o texto da melhor maneira possível. Nas próximas seções, somos levados a conhecer algumas das principais estratégias adotadas por um leitor eficiente, que, segundo os seus objetivos, chega a um nível de compreensão satisfatório quando lê.

### **A leitura como processo de elaboração e verificação de previsões que levam à construção de uma interpretação**

Ao realizar a leitura, o leitor posiciona-se responsivamente perante o texto, isto é, seu cérebro interage com o texto e responde ao que lê. E, para que isso ocorra, entram em ação o conhecimento prévio que ele tem a respeito do tema, suas experiências ligadas ao tema e a maneira como ele lê o mundo, sua visão das coisas e seu conhecimento sobre a língua e o texto.

Segundo Colomer e Camps[1], o leitor constrói o significado da leitura mediante um processo que pode ser dividido em três partes: *formulação de hipóteses*, *verificação das hipóteses realizadas* e *integração da informação com controle da compreensão.*

***Qual o papel do significante (código escrito) na compreensão da leitura? (orientações para a construção global do sentido)***

******

*Na verdade, o que o leitor vê escrito ao ler um texto serve de pista para a construção de hipóteses. Hipóteses estas a respeito das palavras, das frases, do texto e da sua organização, e também hipóteses sobre a progressão do conteúdo desenvolvido. Mary Kato nos mostra que a leitura não se dá letra por letra, nem, muitas vezes, palavra por palavra, mas sim, em blocos, os quais lemos inteiros, e que fazem parte de nosso conhecimento nesse formato. Assim, muitas vezes, nem notamos que uma palavra está escrita errada, pois já a lemos como ela deve ser.*

### **Formulação de hipóteses**

****

Para baixar este vídeo com legenda clique [aqui](http://docs.google.com/resources/video1Dub.mp4)

Para construirmos tais previsões, baseamo-nos nas informações do texto e de seu contexto, em nosso conhecimento sobre a leitura, sobre os textos e sobre o mundo em geral.



Cada leitor faz associações entre a informação nova e a antiga, que estava armazenada em sua memória a partir de leituras e vivências anteriores, chegando a interpretações diferentes do mesmo texto.

### **Verificação de hipóteses**

Para a *verificação dessas hipóteses*, integram-se os processos ascendente e descendente, vistos na introdução deste capítulo. Por exemplo, o leitor reconhece com mais rapidez as letras se elas fizerem parte de uma palavra, assim, após um “m”, o leitor espera a aparição de uma vogal, e não de qualquer letra do alfabeto.

Assim, uma das pistas utilizadas pelo leitor competente para formular hipóteses é a materialidade linguística, o significante, o que o leitor vê ao ler um texto. Kato (1998:75) menciona a complexidade textual como um dos fatores que determinam a forma de ler. Quando um texto fala de um assunto que não é familiar ao leitor, o processo ascendente é mais utilizado e as pistas linguísticas desempenham um papel maior do que quando o assunto do texto é conhecido pelo leitor.



Também, o leitor processa com mais rapidez uma palavra que faça parte do campo semântico ao qual deveria pertencer. Assim, é bem mais fácil reconhecer “Este texto apresenta uma complexidade média’, do que “Fala lá uva aqui”, por exemplo. Outro exemplo: quando o texto inicia com “Era uma vez...”, o leitor espera que a próxima palavra seja um substantivo, e não um verbo.

***1 Era uma vez um menininho e uma menininha que gostavam de passear no bosque.***

Essa frase segue a organização bem conhecida como o início de um conto de fadas. Tanto pela estrutura quanto pelo conteúdo.

***2 Era uma vez um filme de terror assistido por um casal de namorados.***

Nessa frase utiliza-se uma construção de início de conto de fadas, mas o conteúdo não se encaixa nessa construção.

### **Integração da informação com controle da compreensão**

Esse processo de verificar as hipóteses realizadas ocorre com a participação do conhecimento que o leitor já tem sobre como a língua se organiza na escrita e como se articulam as frases na progressão do conteúdo do texto. Se há coerência entre o lido e as hipóteses formuladas, ocorre a *integração da informação* e o leitor continuará utilizando estratégias para a construção do significado global do texto.

Quando uma nova informação é redundante, o leitor a descarta. Uma nova informação pode ser ampla e incluir várias outras que já foram processadas ao longo da leitura, então, o leitor as agrupa dessa forma. Assim dá-se o *controle da compreensão* por parte do leitor, uma operação quase totalmente inconsciente e automática. Como aponta Solé (p. 25):

### *“.... isso pode ser difícil de explicar, pois se trata de um processo interno, inconsciente, do qual não temos prova... até que nossas previsões deixem de se cumprir, ou seja, até comprovarmos que o que esperamos ler não está no texto. Isso significa que prevíamos que algo ia suceder ou seria explicado, e esse algo não aparece, ou é substituído por outra coisa. Embora talvez não possamos dizer exatamente o que prevíamos, a verdade é que devíamos ter alguma previsão quando nos damos conta de que esta não se realiza.”*

**Fatores que influenciam a leitura, levando o leitor a fazer inferências e, assim, a preencher lacunas**

*“Assumir o controle da própria leitura, regulá-la, implica ter um objetivo para ela, assim como poder gerar hipóteses sobre o conteúdo que se lê.”****[3]***

Um leitor, para compreender um texto com êxito, precisa ativar vários esquemas de conhecimento relacionados a este texto específico. Quanto mais conhecimentos pertinentes ao texto o leitor tiver e quanto mais hábil for para ativá-los, mais exitosa será a compreensão da leitura.

### **Conhecimento do texto, conhecimento prévio e objetivos do leitor**

O conhecimento linguístico do leitor é parte do conhecimento que ele utiliza na interpretação da leitura. Segundo Solé (p. 40), além do *conhecimento do texto* que o leitor tem à sua frente, a compreensão que ele constrói desse texto também depende de seu *conhecimento prévio* para abordar a leitura, de *seus objetivos e de sua motivação* com respeito a essa leitura.

Por conhecimento do texto entende-se o que o leitor já sabe sobre:

* as letras, na escrita, e dos sons, na fala;
* as regras que combinam as letras entre si para compor as sílabas e as palavras;
* a estrutura das frases;
* a organização de textos e a separação de palavras, frases, parágrafos, capítulos etc.;
* as convenções sobre a organização da informação em cada tipo de texto; as situações comunicativas em que se organizam nos diversos tipos de texto;
* as relações de significado entre as palavras;
* o tipo de significado de cada tipo de palavra (por exemplo, um substantivo, geralmente, tem significado referente a coisas, pessoas, eventos e um verbo geralmente exprime ação, movimento, estado);
* as relações entre os elementos de um texto, por exemplo, um pronome, só significa algo com referência a algum elemento anterior no texto (o nome de uma pessoa, de um objeto etc.). Essas relações garantirão o que se chama de “coesão” no texto, tema desenvolvido no capítulo 8;
* as estruturas textuais mais conhecidas: narrativa, argumentativa, descritiva etc. O conhecimento dessas estruturas permite que o leitor faça previsões sobre o desenvolvimento do texto que está lendo, uma vez que as ideias estarão ordenadas segundo um esquema conhecido.

O segundo tipo de conhecimento que interferirá na compreensão da leitura é o conhecimento prévio do leitor, seu conhecimento sobre o mundo, que irá determinar o grau de compreensão que terá sobre o conteúdo do texto lido, uma vez que a nova informação é entendida nos termos da antiga. Ao ler uma notícia de jornal, por exemplo, o leitor poderá compreender do que se trata se tiver conhecimento sobre os fatos tratados, pois, caso não o tenha, poderá fazer inferências errôneas e preencher lacunas incorretamente.

Assim, quanto mais informações compartilhadas entre quem escreve e quem lê, mais chances de compreender a intenção do escritor o leitor terá. Também é possível ocorrer que o leitor consiga fazer previsões sobre tudo o que o texto dirá, tornando-se, este texto, irrelevante e sem interesse nenhum para ele, pois nada acrescenta ao seu conhecimento.



Finalmente, mencionamos o objetivo e a motivação do leitor como fatores que também influenciam na construção do sentido de um texto lido. O que o leitor pretende com sua leitura determinará tanto as estratégias que ativará para compreender o texto, quanto seu grau de tolerância em relação à qualidade de sua leitura.

Segundo Colomer e Camps (2002:47), “A intenção, o propósito da leitura, determinará, por um lado, a forma como o leitor abordará o escrito e, por outro, o nível de compreensão que tolerará ou exigirá para considerar boa a sua leitura”. As autoras destacam com muita pertinência que não é a mesma coisa ler para reter uma informação, por exemplo, do que ler para aprender e para estruturar conhecimentos, ou ler para formar uma ideia geral, ou apenas para saber do que trata um texto.

A interpretação de, digamos, dois leitores sobre o mesmo texto dependerá muito dos objetivos de cada um ao realizar a leitura. Portanto, mesmo com o conteúdo invariável, leitores com finalidades diferentes de leitura extrairão informações diferentes do mesmo texto. As inferências que cada um realizará a partir da leitura e de seus conhecimentos serão diferentes, e as lacunas que cada um terá para preencher também.

**A relação entre o verbal e o não verbal**

Tendo em vista que a leitura não se limita ao ato de ler textos escritos, vale a pena destacarmos aqui a interação entre informações de outras naturezas com a informação verbal, embora essa relação seja discutida com mais detalhes no capítulo 3.

Mensagens que veiculam informações verbais com suporte em informações não verbais, como som, imagem, aroma, que contradigam ou reforcem a mensagem verbal.

Por exemplo: duas capas de jornais, onde uma apresenta uma imagem correspondente à manchete e a outra, uma imagem que não condiga com o tema.

Para que o leitor possa fazer inferências e preencher lacunas a partir de suas hipóteses, assim como, no caso da leitura de textos escritos, o que o leitor vê são as palavras e frases, no caso de textos não verbais, são as imagens, os sons, enfim, todas as informações às quais o leitor está exposto o influencia para a realização e verificação de hipóteses quanto à sua compreensão leitora. As informações não verbais que interagem com o texto escrito podem auxiliar a confirmar ou podem também rejeitar previsões realizadas pelo leitor.



COLOMER, Teresa; CAMPS, Anna. **Ensinar a Ler. Ensinar a Compreender.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura.** Porto Alegre: Artmed, 1998.

KATO, Mary. **No mundo da Escrita.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

KATO, Mary. **O aprendizado da leitura.** São Paulo: Martins Fontes, 2007.

[1] COLOMER E CAMPS, 2002:36.

[2] SOLÉ (1998:23)

[3] SOLÉ, Isabel, 1998:27.

